

Registos do efémero

O arco de triunfo é, de todas as manifestações de arte efémera pública, a mais "nobre", pela conotação imperial romana, que de imediato lhe é atribuída. Os seus idealizadores podem manter-se mais próximo da imagem do arco construído em material perene ou, entendendo-o na sua concepção como obra passageira, de modo mais extravagante, porventura de inadequada realização em pedra.

"A magnificência, bom gosto e a singular riqueza e formosura dos monumentos têm merecido a aprovação e os aplausos dos inteligentes e a admiração do povo, dizendo todos à uma que deviam construir-se de mármore para perpétua memória"¹. Eis como a relação coeva referente aos desposórios dos dois filhos de D. Maria I, o futuro D. João VI com D. Carlota Joaquina e a Infanta D. Mariana Vitória com D. Gabriel, realizados em 1785, se refere às construções efémeras elevadas no Rossio.

O arco de triunfo – como os outros aparatos efémeros – mandara-o eri-

gir o Embaixador de Espanha, Conde de Fernan Nuñez, obra com grande presença arquitectónica e claramente neoclássica, ladeada por obeliscos e centrada na importante praça de Lisboa, de modo a ser vista por todos, inclusive por suas Majestades que se detiveram por alguns momentos para "observar a magnificência dos monumentos e o vistoso da iluminação"².

Poucos arcos comemorativos de cantaria foram construídos em Portugal. Refira-se o da Porta Nova em Braga, erigido graças ao empenho do seu arcebispo, um dos Meninos

de Palhavã, D. José de Bragança; posteriormente, em 1802 o arco laudatório que o Marquês de Marialva faz construir na sua casa de Seteais para a visita do Príncipe Regente e o que estava previsto desde a reconstrução de Lisboa, após 1755, para rematar a Rua Augusta na sua ligação com a Real Praça do Comércio, que só se concretizou, em pleno Romantismo, em 1873.

É contudo associado às entradas régias que se procedeu à construção de grandes aparatos arquitectónicos celebrativos, cuja existência tiveram a brevidade dos acontecimentos ce-



Arco dos Familiares do Santo Ofício, construído para a entrada em Lisboa de Filipe II, em 1619. Biblioteca da Ajuda, Lisboa



Arco dos Alemães. Imponente construção de seis faces, erigida no Terreiro do Paço, para a entrada pública da Rainha Sofia de Neuburgo, mulher de D. Pedro II, em 1687. Álbum de João dos Reis, Cópia dos Reais Aparatos, fôlio 28, Biblioteca Nacional de Lisboa



Arco dos Flamengos, construído para a entrada em Lisboa de Sofia de Neuburgo, em 1687. Álbum de João dos Reis, Cópia dos Reais Aparatos, fôlio 14, Biblioteca Nacional de Lisboa



"Arco" de S. Jorge, construído para a entrada em Lisboa de Sofia de Neuburgo, em 1687. Álbum de João dos Reis, Cópia dos Reais Aparatos, fôlio 21, Biblioteca Nacional de Lisboa

Tema de Capa

lebrados.

Que memória restou destas construções que seguramente muito impressionaram quem as viu? Existem relações manuscritas e impressas, os desenhos ou gravuras ilustrando as edificações realizadas, associadas aos textos ou como informação autónoma, podendo ser registo do próprio acontecimento ou projecto para estas arquitecturas efémeras.

De modo transversal, estas realizações, à partida de curta duração material, poderão estar documentadas de outras maneiras como, por exemplo, a Porta Especiosa da Sé Velha de Coimbra, por hipótese a passagem à pedra de um arco triunfal efémero quinhentista³, ou ainda noutros suportes e a propósito de outras descrições de que é exemplo o painel de azulejos representando a entrada em Lisboa do Príncipe do Brasil, futuro D. José, e de D. Mariana Vitória, o cortejo atravessando uma sequência de arcos triunfais das diferentes Nações e Corporações, representação existente no Claustro da Ordem Terceira de S. Francisco, em S. Salvador da Bahia, Brasil⁴.

Contudo, os arcos foram apenas uma das formas que mais permaneceram destas obras efémeras, exactamente por serem as mais passíveis de serem modelos a transpor para materiais perenes como a pedra.

Os recintos efémeros para as toureadas que, em Espanha, tiveram réplica em edificações definitivas, limitaram-se, em Portugal, a estruturas ligeiras que se montavam em momentos festivos, geralmente os dos casamentos reais ou de festas dedicadas a santos promovidas pelas câmaras municipais, e se desmantelavam depois.

Outras modalidades efémeras foram documentadas quer em texto quer em imagem, apesar de ser premissa da sua existência a duração breve, construídas em materiais frá-




Cortejo real no Terreiro do Paço. Partida de D. Catarina de Bragança para Inglaterra, como mulher do Rei Carlos II, em 1662. Destacam-se os arcos dos mercadores alemães e ingleses. Museu da Cidade, Lisboa

Pormenor do arco triunfal erigido pela nação francesa por ocasião do casamento do príncipe do Brasil D. José, futuro D. José I, com a princesa espanhola D. Mariana Vitória, em 1729. Silhar de azulejos (ca. 1746-48). São Salvador da Baía. Claustro do Convento da Ordem Terceira de São Francisco

geis de madeiras e estafes, encobertos depois com tecidos e tapeçarias luxuosas: tribunas, palanques, varandas para a aclamação dos Reis, passadiços e pórticos de embarques e desembarques cerimoniais, pavilhões para actos solenes, obras que se adossavam a palácios e se erguiam em praças, ou ainda aparatos fúnebres para o interior das igrejas. Edificações estáticas e com o tempo de percepção que durava apenas o acto celebrativo, outras eram concebidas para tirar partido da mobilidade e de uma percepção fugidia senão mesmo final. No primeiro caso estão os carros alegóricos, com motivos esculpidos ou com pessoas indumentariadas e com adereços que definiam a Alegoria, no segundo as torres e "máquinas" pirotécnicas concebidas para desaparecer, em momento apoteótico da celebração, perante os olhos dos espectadores, o fogo-de-artifício ardendo e fazendo arder a própria construção que o suportava, por vezes com guarnições arquitectónicas e escultóricas figuradas de elaborado desenho.

Assim se marcavam os momentos mais significantes da sociedade, tornados públicos em realizações materiais e festejos, em geral promovidos pela Casa Real ou em honra da Casa Real, nascimentos, casamentos e mortes de Príncipes e Reis, e também pela Igreja, em momentos de Canonizações de Santos, para além das festividades que se repetiam

com regularidade anual, algumas das quais foram alvo de grande aparato, como a Procissão de *Corpus Christi*, renovada com ostentação no reinado de D. João V.

Onde encontrar na actualidade a expressão do efémero tal como foi caracterizado anteriormente? Nos dias de festa colectiva, os fogos de artifícios que marcam o princípio dos anos, hoje sem aparatos construídos mas apenas articulações de pirotecnia, os carros alegóricos dos carnavais, aplicando códigos actualmente mundializados, as iluminações natalícias ou ainda, como exemplo do efémero mais construído, os recintos dos mega concertos. 

NOTAS

¹ Relação das Festividades com que o Excellentíssimo Conde de Fernan Nuñez, Embaixador Extraordinário, de S.M. Catholica, celebrou novamente nesta cidade nos dias 15 e 16 de Junho, os felices desposórios dos Senhores Infantes de Portugal e de Espanha, e com especialidade a chegada da Sereníssima Senhora D. Carlota Joaquina a este reino, Lisboa, s.d., citado no catálogo *Arte efémera em Portugal*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000, p. 205.

² Idem, p. 204.

³ Hipótese adiantada por Moreira, Rafael, "A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal", in: *A Introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica*, Coimbra, 1981, p. 289.

⁴ Santos Simões, J.M., *Iconografia Lisboaeta em azulejo no Brasil. Vistas de Lisboa em painéis de azulejo na cidade do Salvador*, Oceanos, n.º 36-37, Outubro de 1998/Março de 1999, CNCDP, Lisboa, 1998.

JOÃO CASTEL-BRANCO PEREIRA,
Conservador de Museu,
Director do Museu Calouste Gulbenkian
desde 1998.

Foi Director do Museu Nacional do Azulejo (1987-1998) e Conservador do Museu Nacional dos Coches (1979-1987).